ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43—*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1904* | *NUMERO 15*

O CARNAVAL NO CHIADO IEM DOMINGO GORDO

Teve fama o antigo carnaval do Chiado, quando chegava a haver o receio de por lá se passar. Os rapazes faziam fortalezas dos andares e durante os tres dias havia uma animação enorme e ficava toda a rua coberta de pós e de tremoços que fermentavam. Só em quarta-feira de cinzas se restabelecia o socego. Agora, com os edilaes e com a festa localisada na Avenida, onde se celebram oes concursos, o carnaval do Chiado limita-se á passagem das carruagens que vão por ali a caminho ddo centro dos festejos, passando, sob nuvens de serpentinos, na grazinada alegre dos mascarados qque por sua vez correspondem com serpentinos e *confetti* ao ataque feito dos andares.

CHRONICA

Inundações e seccas

A semana foi algo melancholica e de borrasca: reinou a pseudo folia e a inundação.

E emquanto na cidade se faziam festas, os telegrammas fallavam-nos de grandes inundações. O tempo não é para preces, reina o entrudo; e a egreja acabou por sollicitar com os municipios: algumas bombas d'exgoto!

Pelos campos houve inundações, alagaram-se, afogaram-se as sementeiras, as arvores ficaram com agua até meio e as planicies n'aquelles lençoes claros mostravam-se desoladas e tristonhas, como amortalhadas.

EM TORRES VEDRAS—A ALAMEDA DA PORTA DA VARZEA

Portugal é mais do que nunca um povo de marinheiros: dentro em pouco, para sahir de casa, deve-se levar com o guarda chuva e com as galochas um barco de borracha.

Nas povoações ruraes reinou a inundação, cá por casa tivemos a secca, a terrivel secca d'um bando de conhecidos a encher as escadas.

—O senhor fulano.. o senhor beltrano!

—O que é?! o que é?.! perguntámos sobresaltados nos primeiros dias.

—Vinhamos por um bilhetinho para as festas na Avenida!

E veiu o padeiro, veiu o sapateiro, os amigos d'escola, os conhecidos que nós não conhecemos, os recebedores das associações, os amigos dos nossos amigos e até os primos dos amigos dos nossos amigos:

—V. Ex.ª poderia ceder-nos uns bilhetinhos...

D'ahi a secca, o contraste, secca terrivel e furiosa a contrabalançar as inundações. Foi um nunca acabar, um verdadeiro horror!

A semana foi pois toda de contraste: á folia antepoz-se a tristeza, á inundação antepoz-se a secca.

De resto, isto é perfeitamente natural: é a volubilidade generica e propria dos lisboetas, que hoje clamam, amanhã choram; que hoje applaudem, amanhã condemnam; volubilidade que até os elementos começam a ter em terras de Portugal!

*

Encheram-se as ruas de confetti, cruzaram-se nos ares os serpentinos, formou-se uma aboboda multicor e um chão amosaicado de papelinhos variegados a incrustarem-se na lama. Parece que choveram confeitos e parece que o arco-iris se retalhou para vir formar cordas no Chiado. Foi uma inundação de productos estrangeiros, fez-se um carnaval d'importação!

Não se viu a velha de capote e lenço, toda a gente se vestiu á Luiz XV. Uma verdadeira secca de costumes esfiampados alugados no Cruz e que serviram na meninice do Silva Pereira, quando havia o theatro Alegria e se representavam oratorias com pagens e com santos cujas vestes se alugam agora a cinco tostões por dia.

A graça nacional seccou!

Não vimos uns cabellos em desalinho nem uma cabeça empoada: n'uma terra de flores não vimos nenhuma, achámos por toda a parte a ordem, achámos por todos os lados as caras graves de quem assiste ao desfilar d'uma procissão!

Não houve balburdia, não houve diversões á rédea solta. Nos bailes morria-se de somno e cheirava a vinho, nas ruas atolavam-se os pés em lama e cheirava a enterro! Aquelle entrudo doido, folião, arruaceiro, que fazia estalar os cós das calças á gargalhada... seccou de vez!

EM TORRES VEDRAS—ASPECTO DA RUA E LARGO DE S. THIAGO

E' verdade que a civilisação é uma coisa muito bonita applicada á vida normal dos povos, mas tambem é verdade que é uma cousa muito monotona applicada ás festas. E' uma entalação, é uma algema!

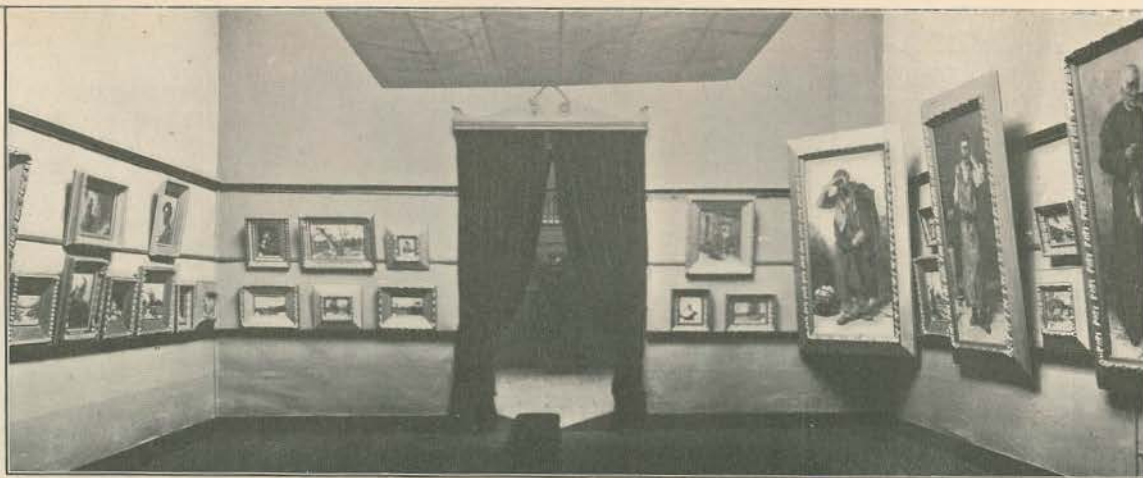
O portuguez era de si tristonho, por indole e por causa dos impostos; agora padece de lypemania ao roubarem-lhe os tres dias do anno em que elle atirava fóra as tristezas com os cartuchos de pós. A inundação civilisadora gerou a secca do bom humor!

Agora que vamos entrar no tempo santo, deve começar a folia, para mais uma vez se marcar essa eterna verdade de que o lisboeta .. anda ao contrario de todo o mundo! Em vez dos sinos vão talvez tilintar os guizos da folia n'essa época de rezas que começa á quarta feira de cinzas.

João Paulo.

EM SANTAREM — A INUNDAÇÃO NOS CAMPOS

Em Torres Vedras, com as successivas chuvadas, cobria-se d'agua a praça de S. Thiago e o largo do Terreirinho. Foi fortissima a corrente do rio Sizandro que trasbordou, alagando os campos das suas margens. Por toda a parte a mesma toalha d'agua, n'uma desolação, e a mesma destruição nas sementeiras.

Em Santarem succedeu o mesmo, havendo enormes estragos. A agua chegou á altura de 6,52, e na corrente forte vieram mercadorias, sem duvida arrancadas de carros que as transportavam pelas estradas de Almeirim e d'Alpiarça que ficaram completamente inundadas.

A EXPOSIÇÃO DE QUADROS TEIXEIRA BASTOS NA ACADEMIA DE BELLAS ARTES

SALA DA EXPOSIÇÃO — OS CINCO SENTIDOS

Apesar de não ser o tempo da exposição de Bellas Artes, que abre sempre em maio, quando chega o sol e os lindos dias, o sr. Teixeira Bastos conseguiu ter publico para a exposição dos seus trabalhos, entre os quaes ha a destacar os quadros dos cinco sentidos. Aquelle aldeão que olha o horisonte, um velhote ragado, bella cabeça de estudo, como o ceguinho que de mãos estendidas tactea o espaço em busca de uma indicação que o guie, são figuras cheias de verdade e de colorido, resaltantes de verdade, feitas com um extremo cuidado. Mesmo a figura um tudo nada grave, um tudo nada comica do padre, que sorve com delicia a sua pitada, tem desenho, tem vida e revela os dotes d'observação d'esse artista que se recolheu durante annos, que se metteu no seu canto, para surgir de subito com uma serie de trabalhos na realidade dignos de toda a attenção.

O CORO DOS GABÕES D'AVEIRO — UM GRUPO DE ENVIADOS — A ESTATUA DA VERDADE — O TERNO DE CORNETAS — A ARTILHARIA DAS BATATAS — A MARCHA RIJA — O INICIO DO CORTEJO — A GUARDA DO SOCEGO

A MASCARADA DOS ESTUDANTES DO INSTITUTO INDUSTRIAL E COMMERCIAL DE LISBOA EM 9 DE FEVEREIRO

O PROGRAMMA DA MASCARADA FOI O SEGUINTE: TERNO DE CORNETAS — GUARDA DA MARMELADA — A CAMINHO DA GAMA E DO PEIXE — A ESTATUA DA VERDADE — GUARDA INFERNAL — A INSTRUCÇÃO NACIONAL E O COMMERCIO EM PEQUENA ESCALA — A NOVA CIRCUMVALLAÇÃO — O MANUEL CEGUINHO, RÉCLAME AOS GABÕES D'AVEIRO — CHARANGA — GUARDA DO SOCEGO — REPORTERS.

Foi uma bella festa a dos rapazes com alegria a rodos e com piadas certeiras aos acontecimentos do anno escolar. Era uma turba-multa feliz, contente, radiante, organisada em cortejo e que passeava o seu enthusiasmo. Os typos ratões, bem achados, a critica fina, levemente acidulada, os ditos a proposito, os symbolos como chapas de caricaturas graciosas. Levavam aos hombros a estatua da Verdade, com a legenda: *Sob a risonha capa d'estudante o fatal apparição de raposa.* E via-se com effeito um estudante envolto em rota capa esgarçando os braços para um amplexo á comadre do corvo, ao matreiro bicho, pesadello das noutes dos academicos, cujos *chumbos* não o podem alcançar.

O cortejo sahiu pela rua do Instituto Industrial e deu algumas voltas no pateo, sempre no meio da mais franca alegria, entre risadas e dichotes, acclamado pelos estudantes e pelas senhoras que enchiam as janellas do Instituto. Depois, já cançados da folia, *guardas do socego, charanga, artilharia,* etc. destroçaram no pateo interior, onde, ao som das salvas de *batatas*, começaram os discursos feitos pelos estudantes Mello, Biscaya e Leal que, pregando ás turbas, lançaram a nota ultra-comica no fim da mascarada. Realisou-se tambem uma exposição de *bordados* n'uma pequena barraca, onde um estudante apresentava entre outras preciosidades as rendas... das casas!

A FESTA NO DIA 9 A BORDO DO CRUZADOR BRAZILEIRO «BENJAMIM CONSTANT»

1.º A LANCHA EM MARCHA—2.º A OFFERTA DOS GUARDAS-MARINHAS BRAZILEIROS AOS ASPIRRANTES DA MARINHA PORTUGUEZA—3.º O BRINDE DO COMMANDANTE DO «BENJAMIM CONSTANT», SR. ALENCASTRO GRAÇA—4.º UMA SENTINELLA D'INFANTARRIA DE MARINHA—5.º UM TRECHO DO BAILE—6.º Á DESCIDA

Foi uma festa encantadora, uma linda festa, a que se realisou em 9 a bordo do *Benjamim Constant*, apesar do Tejo estar agitado e apesar das nuvens de borrasca. Mas foi uma linda festa, amiga e intima, toda repassada de grandeza e de franca jovialidade.

O sr. Alencastro Graça, que tinha á direita miss Bryan, irmã do ministro d'America, e á sua esquerda a sr.ª D. Hermentina Pontes, consuleza do Brazil, brindou em phrase energica e quente á marinha portugueza, affirmando mais uma vez os laços solidarios existentes entre o Brazil e Portugal; e esse brinde encontrou echo nos corações dos portuguezes que assistiram ao banquete e que saudaram o sympathico e illustre marinheiro. Ao mesmo tempo que nos aposentos do commandante se realisava esta festa, os guardas-marinhas brazileiros recebiam francamente os seus collegas portuguezes. Havia um enorme enthusiasmo, estalavam as rolhas do *champagne*, trocavam-se mutuas saudações e apesar da ira do Tejo, apesar do rio estar picado e o ceu negro, dançou-se animadamente na coberta como na mais bella sala. Os guardas-marinhas brazileiros levaram a sua gentileza a ponto de deixarem como recordação aos aspirantes portuguezes um bello torpedo-chronometro, que foi entregue n'uma sessão solemne na Escola Naval. A' sahida do *Benjamim Constant* os aspirantes portuguezes victoriaram os officiaes brazileiros e durante muito tempo as suas vozes resoaram sobre o Tejo encapellado, n'uma saudação e n'uma merecida manifestação de sympathia.

OS DEUSES LARGARAM OS SANTOS PAMPANOS ..

COSTUMES LISBOETAS

O CARNAVAL

A sua genealogia.

O pagão Carnaval nasceu d'um capricho para turbar a paz monotona do bosque d'aloendros e loureiros-rosa que os deuses olympicos habitavam, na velha Hellenia, no recato e no mysterio, atafulhados d'ambrosia, rectos e graves sobre soccos de marmore azul, raro como a phenix, e que nascia nas montanhas divinas bem visinhas do ceu. Nasceu o Carnaval, por graça d'uma sylphide traquinas e de corpo impeccavel, travessa e de seios rijos, eternamente virgens e eternamente roseos, nasceu em certa noite de lua cheia, porque ella, já farta de deleites e de santidade, se lembrou de atroar aos berros o bosque sacro e d'acordar os deuses que dormiam nos seus pedestaes, mettida n'uma pelle d'urso guedelhuda e farta que topara ao passear-se, nostalgica e enervada, na praia côr d'ouro, fronteiriça ao mar, jamais turbado e jamais sulcado pelas quilhas das barcaças phenicias, senhoras d'outros mares menos serenos e menos azues.

Aquella eterna vida de delicias, em que havia só a graça, em que havia só o bem, vida alimentada pelo hydromel e pelo succo das flôres, aborrecia a linda sylphide d'olhos negros e negros cabellos que, n'essa noite sem precedentes em luar e em irreverencia, fez estalar de riso os peitos brancos e ancestraes das deusas e fez escabujar no relvedo, onde floria a açucena, os divinos pespegos, até ali sisudos e severos, hirtos e gloriosos sobre os seus soccos de marmore azul, precioso como a flor da mancenilha que dá o esquecimento.

E n'essa noite de lua cheia, no mysterio do bosque, começou a folia, arranjou-se o primeiro disfarce: os deuses largaram os santos pampanos que os engrinaldavam, deixaram os gladios e deixaram a *pose*, arrojaram para longe o poder e arrojaram tambem as coroas de louro para se espojarem á doida como faunos, n'uma orgia de licores encommendados ás escondidas a Mercurio, que os recebera d'uns piratas de Smyrna a troco do perdão de certa falcatrua grossa, isto muito recatadamente, para bem da moral e para bem da sua posição de deus olympico.

Durou a festança tres dias e tres noites; baralhou-se tudo no mundo, inventaram-se partidas, riu-se ás escancaras, certas deusas peccaram e geraram-se assim alguns pobres semi-deuses no bosque da Hellenia, n'esse periodo de borrata e de orgia.

Por fim, os idolos cahiram aos pés dos altares, acordaram e penitenciaram-se, soffreram e choraram todos emporcalhados pela terra, com as divinas barbas pegadas pelo mel dos ritos, com os olhos, outr'ora tão puros, raiados de vermelho, e com as guellas seccas pelos licores capitosos, louros, venenosos e excitantes que tinham vindo de Smyrna por graça de Mercurio. Mas depois, avidos d'uma justificação, como bons juizes e como bons camaradas, perdoaram-se mutuamente e instituiram mais uma festa na sua liturgia.

Assim nasceu o Carnaval, nos tempos pagãos, em um bosque d'aloendros e loureiros-rosa, junto ao mar sem uma prega e sem uma colera.

E', pois, bem illustre o nosso visitante d'agora: veiu da divindade e foi d'um rito, tornou-se sagrado como a colheita do arminhado linho e como as vigilias dos deuses, como a adoração a Jupiter Tonante e como as phenix que eram tambem deuses, medrou e formou-se nas clareiras sacras, onde rescendia o aloès e abelhas d'ouro formavam o mel, onde um bombyx claro como as hostias tecia sedas macias e diaphanas e onde os idolos viviam na pandria, divinos e madraços.

Os povos seguiram as acções das divindades, imitaram-nas, bem as amaram porque bem as copiaram: no Egypto creou-se a festa ao boi Apis, um cornupeto de bom curro marcado por um crescente e por um escaravelho: e nos dias de foliar junto ás tumbas dos Ptolomeus e dos Ramsés, nas margens louras do bento Nilo — rio doce e de mysterio — rebentava a touteira e os grandes guerreiros andavam aos bordos e os grandes sabios beijavam as virgens, e as virgens, por sua vez, beijavam os viris escravos herculeos e lambareiros, á soalheira, n'uma bebedeira monstra do licor que Noé inventou, após o diluvio, ao ver-se sem cuidados.

A Roma pagã, dos cesares e dos monumentos, das aguias altaneiras e d'ouro e dos carros triumphaes puxados por leões de jubas esguedelhadas, instituiu a festa a Saturno — um dos deuses do bosque d'aloendros e loureiros-rosa — e mais d'um socco sagrado recebeu o vomito dos decuriões, cujas armas d'ouro eram envergadas pela ralé n'esses dias de disfarce: e mais d'uma patricia de mãos breves e olhos honestos abraçou no forum mais d'um vil truão: os Cesares andaram na rua com a malta e os deuses nos altares riram velhaca e sornamente ao verem o deboche.

Na Gallia deixavam-se as aljavas e trepava-se ás abençoadas pedras de Karnac, na Phenicia deixava-se o mar e cuspiam-se-lhe invectivas, o orbe inteiro tomava o seu disfarce e bebia á grande em honra de Saturno, e até ás estatuas niveas da Verdade n'esses dias tomavam os vestidos de barregã que usa a Mentira.

Assim se perpetuou o pagode, assim foi a origem do Carnaval, da folia omnipotente atravez os seculos!

Como todas as instituições de direito divino, ficou atroador o barbaro, rijamente escandaloso, a viver parasita, sujo e legislador, a gritar como soberano pela voz aflautada d'um palhaço: *O estado sou eu!* Elle foi durante tempo um Luiz XIV reinadio e truanesco que clamou vestido de *cheché: Depois de mim o diluvio... d'agua benta!*

*

A folia dos deuses, a santa pagodeira, com a chalaça grossa e com a pulha apimentada, fez durante tempo parte dos costumes entre nós: foi um desequilibrio total como o das actuaes finanças!

No tempo dos nossos avós, ainda elle era folião: começava no sabbado gordo no meio da barafunda. Tiravam-se as vidraças, cobriam-se os moveis, voltavam-se os espelhos para as paredes, andavam as mulheres, de braços arregaçados junto á frigideira onde fervia o azeite.

AINDA O VELHO DESEMBARGADOR NÃO SE LIMPARA ..

a fazer sonhos de farinha e estopa para offerecerem ás visitas e aos salsas pançudos que vinham granzinar ás portas amolando os facalhões de pau no cepo brazonado por um symbolo d'infelicidades, a d'Osiris feito boi Apis, a de Menelau feito... desgraçado!

E no domingo gordo mettiam-se os cabellos em coifas fartas, as meninas vestiam-se de claro, andavam com as saias apanhadas, e punham-se ás portas d'atalaya á espreita das amigas e dos rapazes e d'algum velho desembargador que vinha aos chás das quintas feiras com o seu eterno defluxo, com a sua cabelleira de rabicho e com o seu lenço de seda da India empastado de rapé da regia. Começava o ataque, o grande ataque, o qual tinha echo nas ruas onde havia tapetes de farinha, onde choviam os ovos cheios de cinza, onde a garotada algazarreava divertida e feroz atraz dos transeuntes:

— Larga o rabo, ó exquisito! Larga o rabo!...

Nas casas ainda o velho desembargador não se limpara e já estava de novo sujo: ria-se a plenos plumões, havia a desordem, a grita, a barafunda, erguia-se titanica e alarmante a folia, a genuina, a verdadeira, sem policia e sem embargos, ao sabor de cada um — como os deuses queriam — e as mulheres todas de claro, com os lindos cabellos enfarinhados, vermelhas e empoeiradas como moleirinhas no labor, divertiam-se e cumpriam os preceitos do Santo Entrudo, folgazão e porco, tradicional e supremo dictador, emquanto a malta berrava nas praças, nas viellas, nos becos a dar gebadas, com o seu grito de guerra:

— Larga o rabo! Larga o rabo que não é teu é do filho do Judeu!

Assim se perpetuava a saturnal, a festa do paganismo, nascida dos deuses no bosque sagrado, assim se divertia a Lisboa d'outros tempos que usava briches e luvas verdes, que tinha o Passeio Publico e muita moral, em todos os dias do anno, e que como cidade d'Ulysses, ainda embrenhada na tradição pagã, comia filhós de estopa, atirava ovos cheios de cinza e ia a passeio com os filhos: os rapazinhos vestidos de lanceiros e as petizinhas com saias de balão e cabelleiras de canudos como anjos de procissão e como a senhora D. Maria II.

*

Vieram depois os editaes, a policia organisada, chegaram os progressos e os edis sisudos. Appareceram a dança da Bica e a *cégada*, acabou parte da folia, espartilhou-se o Entrudo, bezuntou-se de pós d'arroz, lavou-se, arrebicou-se e chrismou-se: assim surgiu o Carnaval lisboeta e o mascara-mendigo.

A dança da Bica com os seus matulões escanifrados, envergados em *maillots*, suados, com salpicos de lama, lantejoulantes, passa pelas ruas levando uma ralé bamboada, fadistona, em marcha cerrada aos rufos dos tambores: á frente um homem de diadema e manto sobre uma pileca do Russo, axairelada com cortinas vermelhas emprestadas nos bordeis.

E isto passa no rufar das caixas, vae como uma horda barbara nas noutes ao clarão vermelho dos fumarentos archotes no ronco dos trambones; retinem os apitos e começa a dança: é uma pyra de homens tremulos no alto d'uma escadaria de corpos, as caras patibulares e avermelhadas, os bafos avinhados, tudo aquillo tonto: um d'elles, no topo, agarra uma creancita famelica que mostra ás turbas como um palhaço. Outros jogam maças contra maças n'um estrepito secco, certeiras as pancadas, firmes as pernas, no mesmo som dos trombones e na mesma extranha feira miseravel que termina pelo peditorio em volta e que se consome em alcool, de noute, nas tabernorias das viellas onde vivem, onde se aninham. O fim... a Boa Hora... O Carnaval dos deuses a comparecer de botas arrebicadas na policia correccional...

De todos os becos, de todas as ruas, surgem as *cégadas*, apparecem matulões pintados, com barbaças estupendas, vestidos em velhas roupas, e que rouquejam coplas do fado; outros estendem as mãos para a esmola diante dos basbaques. Por vezes são figuras mythologicas que cantam amantadas em pobretonas vestes de theatro, deuses e deusas com cabelleiras d'estopa: Marte a comer pevides, a arrastar o vozeirão n'uma copla bregeira; Venus gordalhuda, de braços tatuados e com seios de trapos; Ceres, mondenga com um molho de chicoria em cada mão; Jupiter, vesgo, tysico, com um escudo de lata, a atirarem motes coxos na toada dolente do fadinho corrido:

Sou Marte, o deus da guerra,
Z'Eu Venus, deusa do amor...

Tlim .. tlim... tlim...

Em roda o mesmo peditorio, a mesma frandulagem: assim o Carnaval de ha uns annos synthetisa a miseria d'um povo que vae pedir esmola a cantar o fado como aquelles italianos que outr'ora atroavam as ruas com os seus realejos, e como aquelles ceguinhos que nas romarias dedilham a guitarra a troco d'uns vintens.

A barbara saturnal tornou-se n'uma feira de mendicidade!

E veem saudades do ovo com cinza, da filhós de estopa, do enfarinhamento, do velho Carnaval que podia ser brutal mas era tambem espontaneo e deveras feliz, bem portuguez como o briche e como o fado, bem lisboeta como a chlorose e como Santo Antonio...

UMA PYRA DE HOMENS..

*

Agora faz-se um cortejo, uma especie de procissão, arruma-se a Avenida e o Carnaval apparece catalogado, com o seu programma como um governo; limpinho, escovadinho, aperaltado, sem pós e sem tremoços; apparece com elle: *A ordem.*

Apetrecham-se batalhões, surgem cortejos, acclama-se uma rainha, uma sota de paus, serenas, com a sua mascara, a marcar o fim da reinata á redea solta!

São destinos: Elle nasceu dos deuses, no bosque d'aloendros e loureiros-rosa, entrou na liturgia e no calendario, sagrou-se, fez-se christão, pompeou nas côrtes, gritou, fez bulha, foi damnado e, como um rijo portuguez, bateu-se no Chiado nos tempos dos Cabraes e do Marrare do Polimento. Depois veiu-lhe uma doença, uma anemia, empallideceu, poz-se a pedir, andou a rir como um bobo e a chorar como um pobre desventurado. Ainda assim era portuguez: se acceitava tudo de cara alegre!..

Por fim, veiu a civilisação, uma lufada d'outras terras que só se segue com o Entrudo — pobre d'elle — e mataram-no, mettendo-o na ordem, como se mata um peixe ao tiral-o d'agua e como se mata uma rosa ao mettel-a n'um seio embora o mais virginal. Entalado na ordem, como os arruaceiros e como os inimigos do governo! Oh! Sublime!.. E vem limpinho, ajanotado o carnaval que, como os velhos reis egypcios, é passeado em imagem pelas ruas, após a morte!.. E lá o vemos estendido, de bruços, sereno e engoiado, egual ás creanças traquinas, alegres, bem creanças, que as mães enfezam, ao berrarem-lhes d'olho acceso em ira e de fura bollos espetado:

— O' menino, esteja quieto! Então, heim!... Ora sente-se ahi a tomar proposito!...

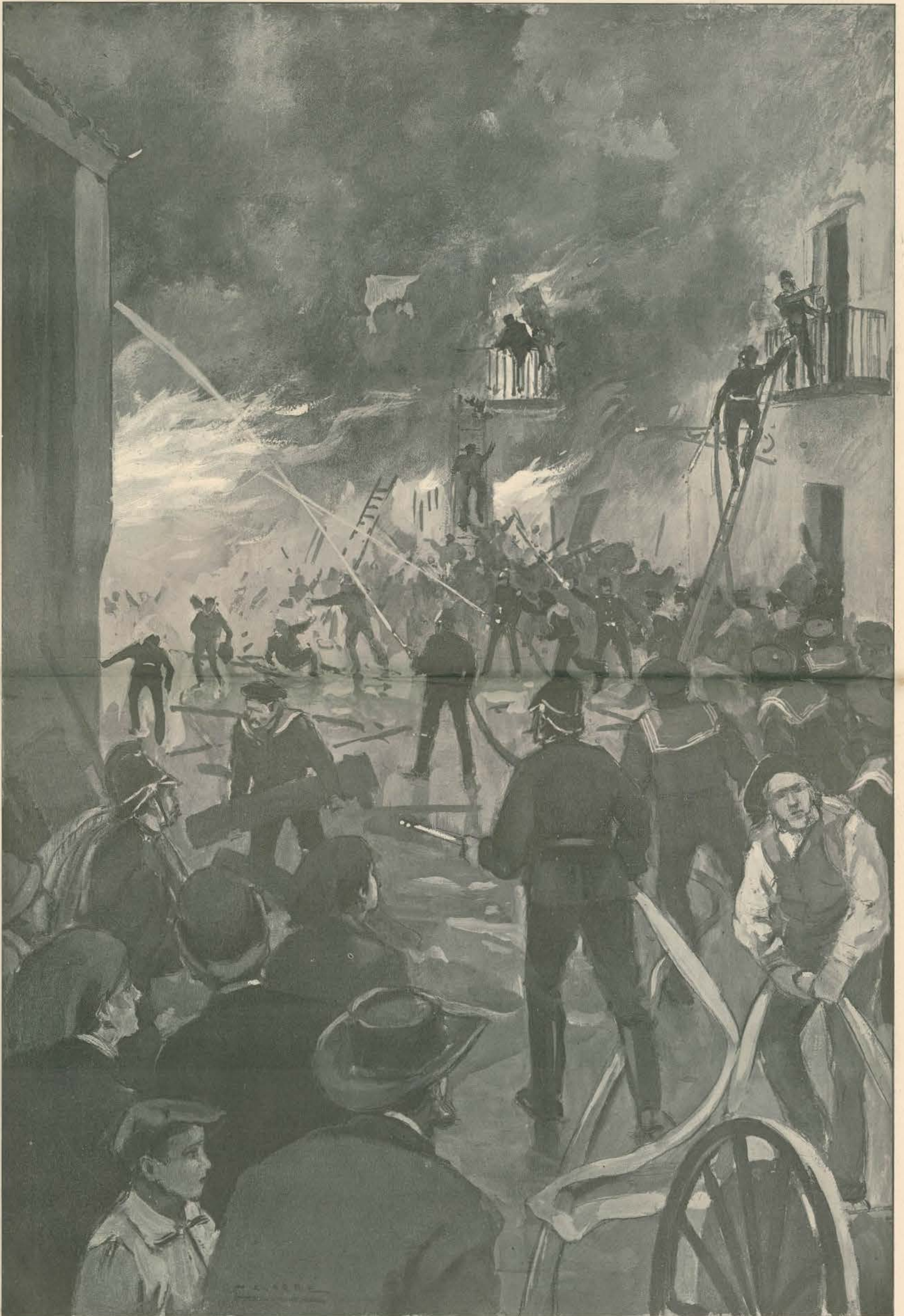
Do carnaval dos ultimos tempos, como um exemplar para museu, só ficou um velho d'entrudo de pança de estopa, choramingão e reles, que, n'uma lamuria, pedia no Chiado:

— O' meu rico bemfeitor... meu rico bemfeitor dá dez réisinhos para um quarto de pão que morreu a minha mãe?..

E assistia-lhe ao enterro, o patusco, a vêr passar a Dona *Folia*; muito triste... muito triste...

ROCHA MARTINS.

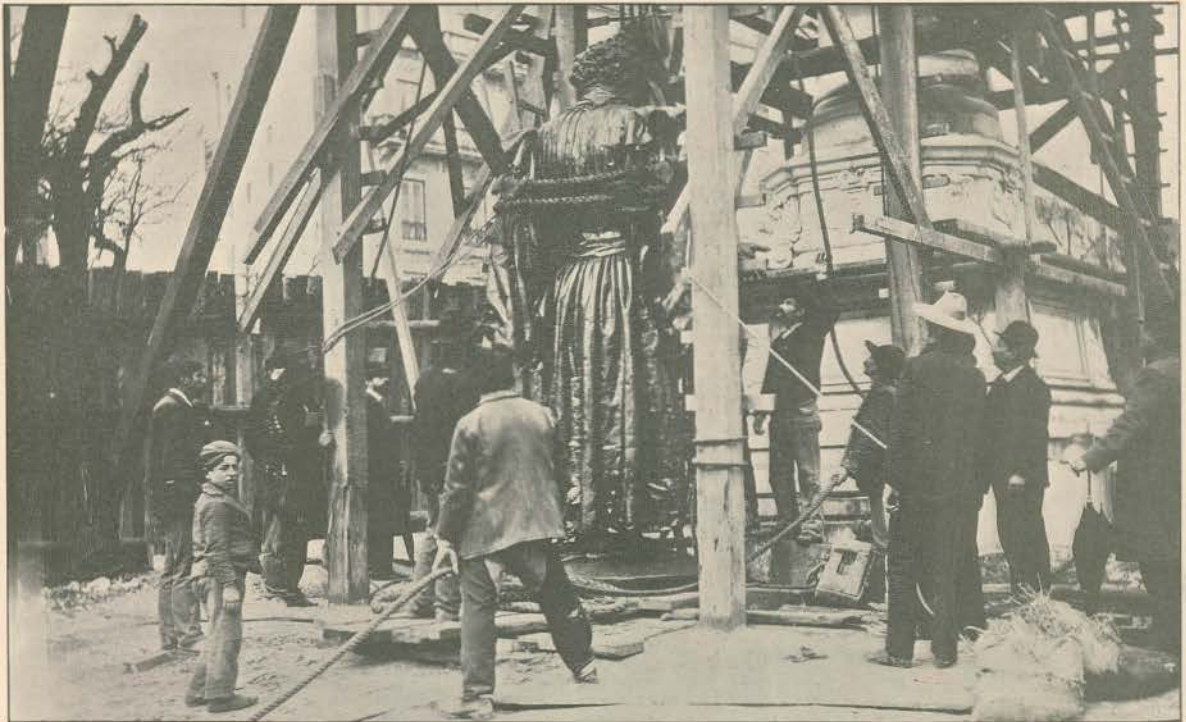
UM RAPAZINHO COM O UNIFORME DE LANCEIROS

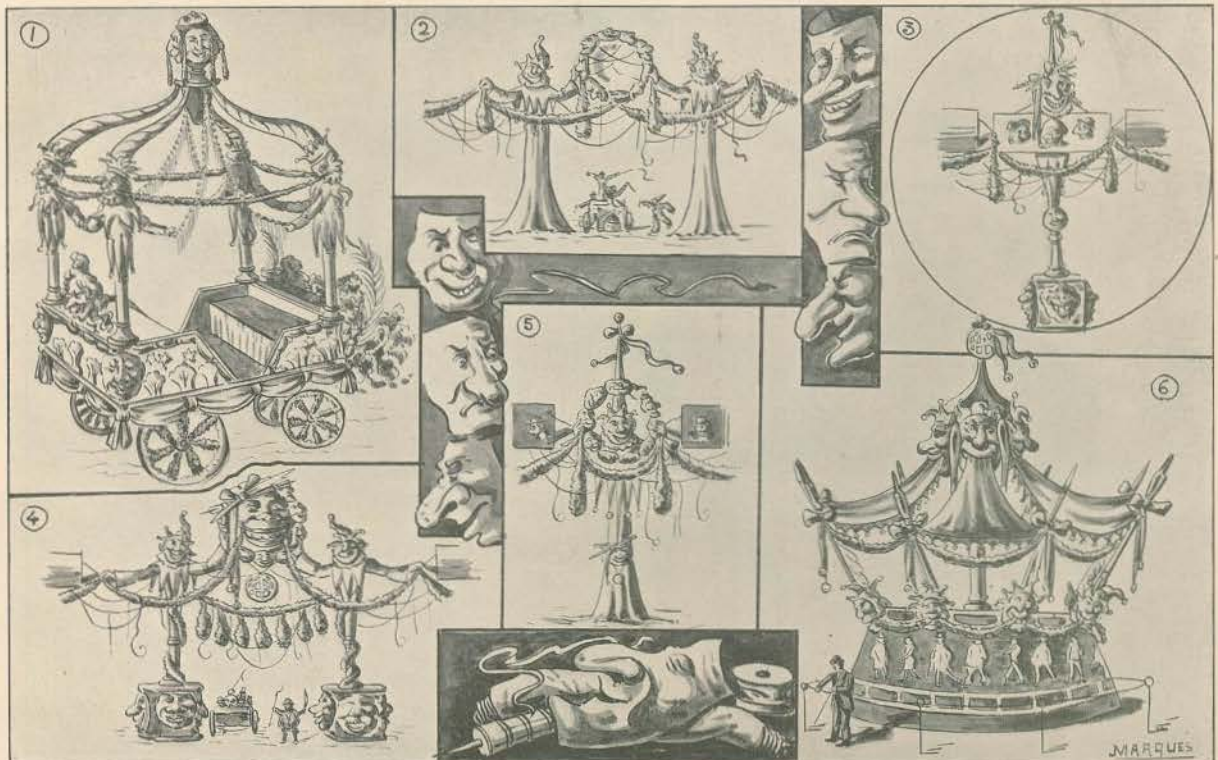
Ó MEU RICO BEMFEITOR...

UM ASPECTO DO INCENDIO QUE DESTRUIU A FABRICA DE CORTIÇA DO SR. ALEXANDRE SYMINGTON EM ALMADA, NO DIA 6 DE FEVEREIRO

O incendio começou pela 1 hora da tarde e teve origem na casa das aparas, onde cahiram algumas faulhas da machina. Desde logo tomou proporções, altearam-se labaredas monstras em linguas de fogo vivas, vermelhas. De Lisboa via-se a enorme fumarada a subir para o espaço em rolos grossos. Os operarios da fabrica quizeram ainda apagar o incendio com baldes d'agua e fizeram prodigios de valentia. Porém, tornou-se impossivel a extincção do fogo, que dentro em pouco açambarcava toda a fabrica. Começaram então a chegar os soccorros, as bombas dos navios de guerra surtos no Tejo, sendo uma das primeiras a do cruzador *Benjamim Constant* com 25 marinheiros, um mestre serralheiro e um mestre caldeireiro sob o commando do 1.º tenente sr. Octavio Ferry, tendo por subalterno o guarda-marinha sr. Colenia. Com um denodo sem egual, cheios de arrojo e de boa vontade, entrando pelas chammas ao lado dos marinheiros da *Duque da Terceira*, do *S. Rafael* e do *Pero d'Alemquer*, a guarnição brazileira fez maravilhas. N'um momento viu-se o tenente sr. Ferry, de machado em punho, à frente dos seus homens, grandioso e valente no meio das chammas, a clamar: *marinheiros, não deixemos que o fogo destrua o quartel.* E elles, os bravos, n'uma ancia, n'um desejo de mostrarem o seu valor, atiravam-se valentemente para o incendio, obedeciam ás ordens do seu chefe com uma rapidez e um arrojo bem digno das tradições da marinha brazileira gloriosa e sempre triumphante. Mais uma vez, lado a lado, brazileiros e portuguezes estiveram no perigo, mais uma vez uns e outros souberam honrar os seus uniformes.

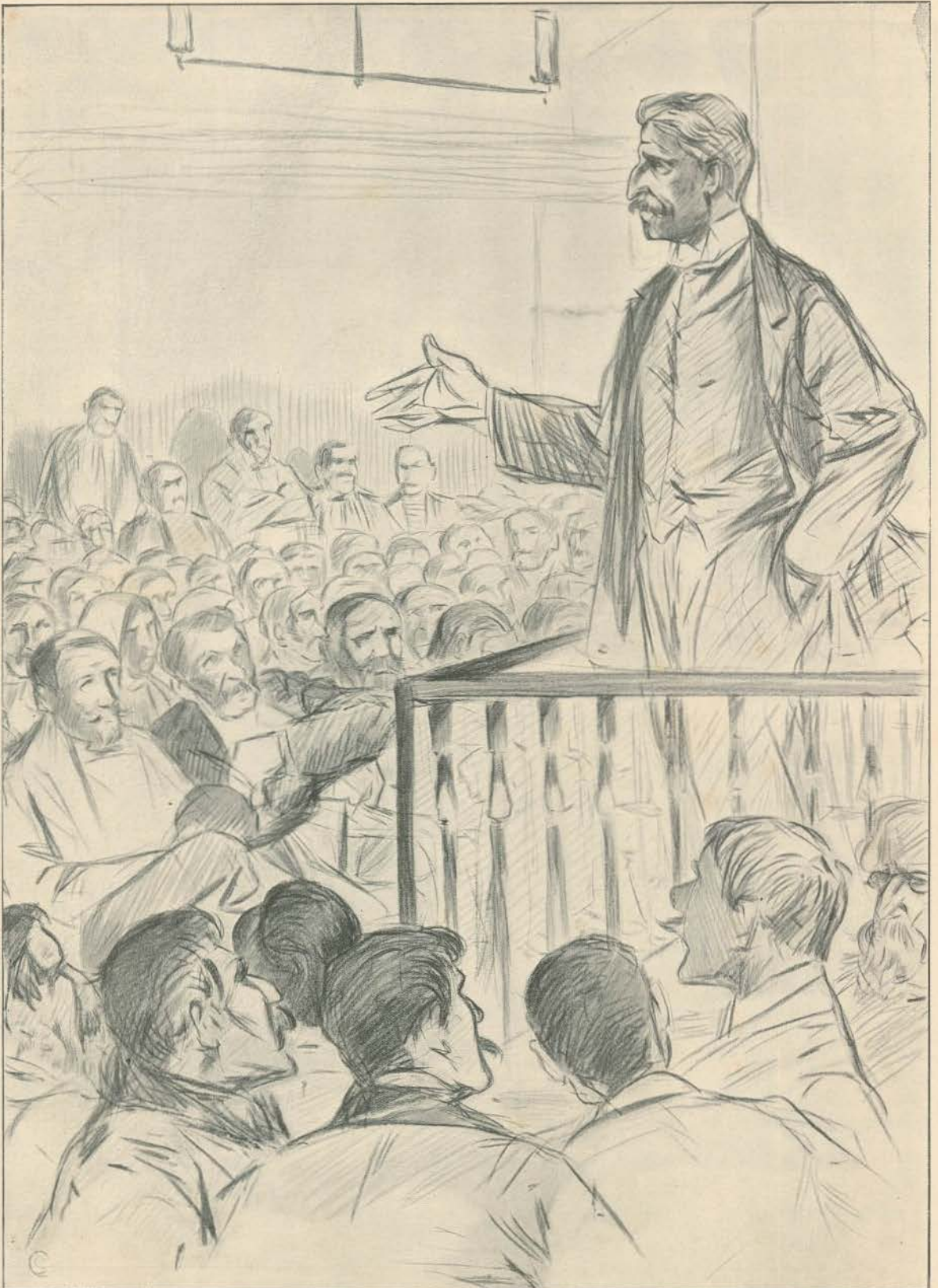
O marinheiro n.º 4522 do *S. Gabriel* ficou queimado no rosto e ferido nas mãos e o 2.º sargento França do *Pero de Alemquer* por tres vezes se metteu no incendio buscando cumprir o seu dever com brio e com honra: n'uma das vezes atolou-se nos montões de cortiça que se queimavam, sentiu que elles abatiam e que o queimavam até aos joelhos; acudiu-lhe então o sr. Carlos Moniz, chefe do corpo de salvados, que com grande risco o arrancou d'aquelle brazeiro.

O CARNAVAL EM LISBOA: UMA PARODIA

A parodia carnavalesca com figuras e com musicas populares é o symbolo da critica do povo aos acontecimentos, critica ingenua, rude por vezes, sem colorido, mas quasi sempre com essa graça espontanea que existe no fundo das multidões, que parte d'esse anonymo que solta por vezes o dito, o estribilho que, correndo de bocca em bocca, vae até ás altas camadas. Esse poeta escondido em cada peninsular, esse ironista que existe no povo tem campo para as suas expansões ao incarnar-se nas parodias que percorrem as ruas nos tres dias do carnaval. A parodia tem o sabor d'um commentario, tem a chapa rija d'um brado vago mas interessante.

OS TRABALHOS NA ESTATUA DE SOUSA MARTINS

Na madrugada do dia 9 de fevereiro foi transportada a estatua, da Fundição de Canhões para o Campo dos Martyres da Patria, começando pelas 7 horas o trabalho da collocação sobre o pedestal em que fica a bella figura da *Academia* que completa o monumento, devida ao cinzel do esculptor Costa Motta. A estatua foi guindada com grande rapidez para o alto da columna onde se ultimarão os trabalhos, devendo ser exposta ao publico na noute de 6 para 7 de março, ficando assim feita justiça ao morto illustre ao qual a sciencia tanto deveu. A commissão que tem tratado da homenagem ao saudoso mestre e a que preside o nosso amigo Casimiro José de Lima, conta ter prompto n'essa data o livro *In memoriam*, dedicado ao finado medico, grande e legitima gloria portugueza.

O CARNAVAL EM LISBOA :—AS ORNAMENTAÇÕES

1.º — O carro da Folia. = 2.º — Arco central e entradas lateraes. = 3.º — Poste de luz electrica. = 4.º — Arco para a entrada do rei Carnaval. = 5.º — Outro poste de luz electrica. = 6.º — Um coreto.

As ornamentações da Avenida foram feitas sob a direcção de Celso Herminio e executadas pelo actor Chaves, que desenhou e construiu o carro da Folia. Abriu-se um grande portico na praça dos Restauradores todo ornado de symbolos carnavalescos, e vedou-se um recinto com uma ornamentação semelhante, até á altura da rua das Pretas. Foram revestidos os postes da electricidade com attributos do carnaval e com festões, e em frente da rua das Pretas abriu-se um outro portico, de lindissimo effeito. A iniciativa de todos estes trabalhos partiu da Associação da Imprensa Portugueza.

A CONFERENCIA DO DR. DUARTE LEITE NA UNIVERSIDADE LIVRE DO PORTO EM 7 DE FEVEREIRO

A Universidade livre do Porto foi instituida pelo *comité* academico-operario portuense, liga de estudantes e obreiros que pretendem derramar a instrucção entre as multidões. A Universidade conta com o concurso de muitos homens de sciencia, litteratos, jornalistas, etc., e inaugurou-se com a conferencia do dr. Duarte Leite, que tratou d'astronomia. Assistiram mais de 3:000 pessoas a esta reunião na qual o conferente foi escutado com todo o respeito e muito applaudido.

Este quadro, o ultimo trabalho de Collaço, é, pela grandiosidade de tom, pelo arrojo das figuras, pela viveza do colorido, bem digno do colossal assumpto que representa.

E' uma obra que prima pelo conjuncto e pelo detalhe, que evoca um trecho da epopeia portugueza e capaz de firmar a reputação d'um artista.

Toda aquella paizagem illuminada, todas aquellas figuras soberbas com as suas armas, com os seus ares valorosos e grandes, são evocações que bem calam nas nossas almas de portuguezes.

O artista soube colorir e soube lançar os vultos, soube dar grandeza a uma figura e humildade a outra e do contraste flagrante nasce a impressão, nasce o desejo de se observar bem todo esse conjuncto, como se sentissemos essas figuras, como se as vissemos assim legendarias e ao mesmo tempo humanas sob os golpes rijos dos inimigos.

Sente-se ali uma vida de fortes, de gigantes, de cavalleiros como elles eram com a sua nobreza e com o seu valor, com a sua honra e com o seu lemma em todos os tempos augusto: Pela patria!

Pela patria elles iam a sulcar os mares tenebrosos e lançar-se em aventuras, pela patria elles iam á descoberta, á conquista, á sombra do pendão das quinas.

Foi, pois, um rasgo épico que Jorge Collaço poz no seu quadro, dando-lhe toda a sua alma e toda a sua poderosa influencia d'artista cheio de talento e deveras consciencioso.

A tomada de Socotorá foi uma d'essas aventuras que a gente portugueza levou a effeito para ali fundar uma fortaleza.

A ilha fica no Oceano Pacifico, no mar azul, sob o azul ceu, e é arida, com grandes montanhas graniticas, sem vegetação e sem riquezas, vive além como um mollusco, solitario e no abandono, incapaz de tentar alguem.

Em 1504, Diogo Fernandes Pereira fez a sua descoberta e trouxe ao reino a noticia d'essa nova presa para a corôa portugueza. Fallou dos arabes que a povoavam, fallou dos desfiladeiros, das montanhas, do perigo que corria o temerario que tentasse a aventura de a conquistar.

O QUADRO A «TOMADA DE SOCOTORÁ» DE JORGE COLLAÇO, DESTINADO AO MUSEU D'ARTILHARIA

E lá pelo anno de 1507, Tristão da Cunha, com um punhado de bravos, foi tentar o lance. Chegou, olhou os pincaros, os alcantis, fundeou as naus em face d'essa terra de Socotorá e então deliberou dar o desembarque e levou-o a effeito.

No emtanto já ali existia uma fortaleza arabe que o portuguez deliberou tomar. Deu-se o desembarque e o heroe atacou a praça pelo lado direito onde havia um palmar. Affonso d'Albuquerque que commandava a rectaguarda do exercito, vendo o perigo que o capitão-mór corria metteu-se com os seus n'uma barcaça e foi dar um desembarque a distancia ao mesmo tempo que Tristão da Cunha se via atacado pelos naturaes.

Já Affonso d'Albuquerque se encontrava na ilha e no lado opposto aquelle onde se feria a peleja.

Eil-o em terra, cheio de arrojo, de brio, como um bravo que era, como um cavalleiro sem receios e sem temores, conduzindo os seus á batalha: e no meio d'essa turba multa de arabes que o assaltavam, elle, com os olhos incendidos, dominando tudo com a figura e com a voz, conseguiu tomar Socotorá.

Mas os arabes tinham-se reunido na sua fortaleza, tinham-se collocado a dentro dos muros e faziam uma guerra sem treguas aos valorosos cavalleiros que tiveram de conquistar a praça pedra por pedra com enorme arrojo.

E' essa figura do heroe portuguez no momento do ataque, a que mais vive na tela de Collaço.

Agora, no Museu d'Artilharia, que de dia para dia mais jus tem a sua reputação, vae ser collocado esse quadro que representa um bello feito e ao qual o artista soube dar a mais grandiosa expressão, a maior vivacidade de tom, o mais extranho brilho, movimento e colorido.

O tenente do *Benjamim Constant* sr. Octavio Ferry, que tanto se assignalou por occasião do incendio da fabrica de cortiça em Almada

O GENERAL ERNESTO CASTEL-BRANCO, DIRECTOR DO MUSEU D'ARTILHARIA

E' uma das mais brilhantes figuras do nosso exercito o sr. general Castel-Branco, que com uma dedicação sem limites tem velado pelo Museu d'Artilharia. Devido á sua pertinacia e á sua boa vontade, n'elle se conservam numerosas reliquias do nosso passado, valiosos tropheus das nossas victorias.

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN.

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

XIII

Excerptos do livro de notas — O paraiso de Mahomet e o da Biblia — A bella Damasco, a mais antiga cidade que ha no mundo — Scenas orientaes dentro da curiosa e antiga cidade — Carroça de Damasco — A conversão de S. Paulo — A «rua que se chama direita» — O tumulo de Mahomet e o de S. Jorge — O morticinio dos christãos — Terror mahometano da corrupção — A casa de Naaman — Os horrores da lepra.

O dia immediato foi um horror para homens e cavallos — outra jornada de treze horas (incluindo uma para a «sesta»), por sobre os mais estereis montes alvacentos, e os serros mais escalvados que a Syria pode mostrar. Quasi que asphyxiavamos na atmosphera candente. O calor tremia no ar por toda a parte. A luz refrangida dos montes esbranquiçados, nas elevações do terreno, cegava. Era crueldade apertar com os cavallos estropiados, mas tornava-se necessario fazel-o para chegar a Damasco no sabbado á noite. Vimos tumulos antigos e templos de imaginosa architectura abertos na solida rocha, lá em cima, á beira de precipicios sobre nossas cabeças, mas nem tivemos tempo nem forças para galgar até lá e examinal-os. O estylo correcto do meu livro de notas responderá pelos outros successos d'esse dia:

«Levantámos o acampamento ás sete horas da manhã, e demos uma volta phantastica pelo valle de Zeb Dana e pelas asperas montanhas — os cavallos a coxear, e aquelle mocho arabe, que faz a maior parte da cantoria, e transporta os odres de agua, sempre mil milhas á cabeça, e, é claro, agua nenhuma para beber — *nunca* o levará o diabo? Uma bella corrente n'um vacuo, orlado de bastas romanzeiras, figueiras, oliveiras e marmelleiros, e uma hora de sesta na fonte de Figia da celebre burra de Balaão, a segunda fonte da Syria no tamanho, com agua frigidissima como a da Siberia — os guias de viajantes não dizem que a burra de Balaão ali bebesse alguma vez — talvez fosse alguem que quizesse fazer figura com os peregrinos. Lá tomámos banho — João e eu. Um segundo apenas — agua gelada. E' a origem principal do rio Abana — só a meia milha de distancia, onde se junta com elle. Sitio encantador, de roda tudo arvores gigantescas — com *tanta* sombra e frescura, se ali se pudesse estar acordado — aguas a romper em grande abundancia, mesmo por baixo da montanha, formando uma torrente. Por cima está uma ruina muito antiga sem historia conhecida — suppõe-se ter sido destinada ao culto da deidade da fonte ou da burra de Balaão ou outrem. Um ninho miseravel de vermes humanos em torno da fonte — trapos, immundicie, faces encovadas, pallidez da doença, pustulas, ossos proeminentes, baixa, dolorosa desgraça nos seus olhos, e a fome devoradora a falar com eloquencia por todas as fibras e musculos, da cabeça até os pés. Como elles se atiravam a um osso, como mordiam o pão que nós lhos davamos! E enxameavam em torno de nós, espreitando, com olhares cobiçosos, cada pedaço que levavamos á bôca, e enguliam inconscientemente de cada vez que nós enguliamos, como se em parte imaginassem que o precioso bocado lhes ia pelas guelas abaixo. — Toca para deante a caravana! — nunca haveremos de saborear uma refeição n'este desgraçado paiz. Pensar em comer tres vezes em cada dia em taes circumstancias ainda durante tres semanas — é peor castigo que andar a cavallo todo o dia ao sol. Ha n'aquelle grupo dezeseis creancinhas mortas de fome, de um a seis annos de edade, e as pernas d'ellas não são mais grossas que um cabo de vassoura. Deixámos a fonte á uma hora da tarde (a fonte fez-nos desviar, pelo menos, duas horas do nosso caminho) e chegámos ao miradouro de Mahomet sobre Damasco, a tempo de a estarmos a contemplar um bom pedaço, antes que fosse necessario continuar a jornada. Cauçados? Perguntae-o aos ventos que lá muito ao longe juncavam de destroços o mar.»

Quando o fulgor do dia se diluia no crepusculo, olhamos para um quadro que gosa fama em todo o mundo. Creio ter lido perto de quatrocentas vezes que, quando Mafoma era um simples cornaca, chegou a este sitio e pela vez primeira viu Damasco, fez uma certa observação famosa. Disse que o homem podia entrar n'um só paraiso, e elle preferia ir para o que além estava. Portanto, assentou-se ali e regalou os olhos com o paraiso terreal de Damasco, e foi-se depois sem lhe entrar as portas. Erigiram uma torre no monte, para marcar o logar onde elle esteve.

Damasco é bella, vista das montanhas. E' bella até para os extrangeiros acostumados á vegetação luxuriante, e posso facilmente comprehender quanto ella deve ser bella aos olhos só habituados á maldita esterilidade e assolação da Syria. Estou em crer que um syrio, quando tal quadro viu, pela primeira vez, cheio de extasi, se arrebataria em furia.

D'este alto miradouro a gente vê deante de si e abaixo de si um muro formado de medonhas montanhas, sem vegetação nenhuma, que brilham ferozmente ao sol e rodeiam um liso deserto de areia amarella, macia como velludo, e cortado lá muito ao longe por cinco linhas que veem a ser caminhos, salpicados de uns pontos escuros, que sabemos ser caravanas e homens que fazem jornadas; mesmo no meio do deserto avulta um tufo de verde folhagem, e escondida em seu seio está a grande cidade branca, como uma ilha de perolas e de opalas a fulgir n'um mar de esmeraldas. Tal é o quadro que vêdes desenrolar-se ao longe por baixo de vós, com a distancia para o suavisar, o sol para o embellezar, fortes contrastes para lhe augmentarem os effeitos, e sobre elle

e em torno d'elle um languido ar de repouso para o espiritualisar e fazel-o parecer antes um bello pedaço dos mundos mysteriosos que visitamos em sonhos que uma cousa real d'este nosso grosseiro e baixo mundo. E quando vos lembraes das leguas do paiz queimado e requeimado do sol, ardente, pedregoso, horrendo, temivel e infame, por onde tendes andado a cavallo até chegar aqui, pensaes que este é o quadro mais bello de todos em que jámais se pousaram olhos humanos em todo o immenso universo! Lançamos vias ferreas pelas grandes cidades da America; na Syria encurvam as estradas para as fazer passar pelos magros poços pequenos, que elles denominam «fontes», as quaes n'uma jornada não se topam mais de uma vez em quatro horas. Mas os «rios» Pharpar e Abana da Escriptura (simples riachos) atravessam Damasco, e por isso todas as casas e todos os jardins teem suas fontes scintillantes e regatos. Com a sua floresta de folhagem e sua abundancia de agua, Damasco deve ser a maravilha das maravilhas para o beduino dos desertos. Damasco é simplesmente um oasis — isso é o que é. Por espaço de quatro mil annos não seccaram as suas aguas nem a sua fertilidade cessou. Por onde podemos entender a razão por que a cidade tem durado tanto tempo. Não poderia acabar. Emquanto as suas aguas permanecerem além no meio d'esse bravo deserto, Damasco viverá para regalar a vista do cançado e sequioso caminheiro.

«Embora antiga como a historia e fresca como o sopro da primavera, viçosa como o teu botão de rosa, e fragrante como a tua flôr de larangeira, ó Damasco, perola do Oriente!»

A existencia de Damasco é anterior aos dias de Abrahão; é a cidade mais antiga que ha no mundo. Fundada por Uz, neto de Noé, «a primeira historia de Damasco está envolta nas nevoas de uma encanecida antiguidade». Pondo de parte os assumptos de que tratam os primeiros onze capitulos do Antigo Testamento, não ha successo nenhum, digno de memoria, occorrido no mundo, do qual Damasco, que já existia, não recebesse a noticia. Remontae até onde quizerdes no vago passado, lá está sempre Damasco. Nos escriptos de todos os seculos durante mais de quatro mil annos, foi mencionado o seu nome e cantados os seus louvores. Para Damasco os annos são apenas momentos, as decadas insignificantes migalhas de tempo. Ella contava, não por dias e mezes e annos, sim pelos imperios que tem visto levantar e florescer e desabar em ruinas. E' o typo da immortalidade. Viu abrir os alicerces de Balbec, de Thebas e de Epheso; viu essas aldeias, transmudadas em portentosas cidades, assombrarem o mundo com a sua grandeza — e teve vida para as ver assoladas, desamparadas e entregues aos mochos e aos morcegos. Viu o imperio israelita exaltado e viu-o desfeito.

Chegámos ás portas da cidade ao sol posto. Diz-se que qualquer pessoa pode penetrar n'uma cidade murada da Syria, depois de cahir a noite, dando uma esportula, exceptuando Damasco. Mas Damasco, com os seus quatro mil annos de respeitabilidade no mundo, tem muitas usanças antigas. Não ha nas suas ruas candieiros de illuminação, e a lei obriga todos que sahem de noite a levar lanternas, exactamente como succedia nos tempos antigos, quando os heroes e as heroinas das *Mil e uma noites* andavam pelas ruas de Damasco, ou voavam para Bagdad sobre tapetes magicos.

Era noite fechada poucos minutos depois de termos passado o muro, e percorremos a cavallo longas distancias em ruas admiravelmente tortuosas, de oito a dez pés de largo, e fechadas de ambos os lados pelos altos muros de terra dos jardins. Finalmente, chegâmos até ao sitio em que as lanternas se podiam ver luzir por uma parte e por outra, e então conhecemos estar no centro da antiga e curiosa cidade. N'uma rua estreita, em que se amontoavam os nossos machos de bagagem e por entre um enxame de extranhos arabes, apeámonos, e entrámos no hotel por uma especie de buraco aberto na parede. Estavamos n'um grande pateo lageado, com flores e limoeiros em torno de nós, tendo ao centro um immenso tanque que recebia agua de muitas bicas. Atravessámos o pateo, e entrámos nos quartos preparados para receber quatro de nós. N'um amplo recesso ladrilhado de marmore entre os dois quartos havia um tanque de agua clara e fresca, que estava sempre a correr das nascentes que a forneciam por seis bicas. N'esta terra ardente e assolada nada podia haver que parecesse mais refrigerante que esta agua pura a brilhar á luz do candieiro; nada podia parecer tão bello, nada podia soar tão deliciosamente como essa chuva simulada a ouvidos de longos tempos habituados a sons d'essa natureza. Os nossos quartos eram espaçosos, confortavelmente mobilados, e tinham até o pavimento coberto por tapetes macios, de alegres cores claras. Dava gosto ver outra vez um tapete, porque se ha coisa mais triste do que as ladrilhadas salas tumulares da Europa e da Asia, não sei qual seja. Fazem-nos pensar constantemente na sepultura. Um divan muito largo, garridamente adornado, de uns doze ou quatorze pés de comprido, occupava um dos lados de cada quarto, e defronte havia camas para uma pessoa só, com colchões de molas. Grandes espelhos e mesas com tampas de marmore. Todo este luxo era tanto mais agradavel a organisações e sentidos consumidos por uma jornada de um dia de grande fadiga, quanto não era esperado — porque ninguem pode dizer o que ha a esperar n'uma cidade até de um quarto de um milhão de habitantes.

Talvez que usem aquelle reservatorio para de lá tirarem agua para beber; isso, comtudo, não me occorreu antes de n'elle mergulhar bem para o fundo a minha cabeça. Só então pensei n'isso, e, comquanto o banho fosse soberbo, fiquei com pena de o ter tomado, e estava para o ir dizer ao dono do hotel. Mas um cão muito bem encaracolado e perfumado, que me saltou de repente, mordeu-me logo a barriga da perna; e antes de eu ter tempo para pensar, havia-o precipitado ao fundo do tanque, e quando vi chegar um creado com uma bilha, retirei-me, deixando o cãosinho esforçando-se para sahir do tanque, o que elle tentava com difficuldade. A vingança satisfeita era tudo o que eu precisava para ser completamente feliz, e quando fui para a ceia n'essa primeira noite em Damasco achava-me n'esse estado. Depois da ceia, estivemos longo tempo deitados sobre os divans, fumando narguillés e chibouks de compridos tubos, conversando sobre a terrivel jornada d'aquelle dia, e então conheci o que algumas vezes já tinha de antes experimentado — que vale a pena a gente cançar-se para depois saborear o repouso.

FOLHETIM N.º 14 *(Continúa.)*

CARNAVAL